

18º Congresso Brasileiro de Sociologia

26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

Grupo de Trabalho: Biografia e Sociedade

Título: Ayrton Senna, herói de uma nação: a reconstrução sociológica de um mito nacional

Nome: Felipe dos Santos Tartas

Instituição: Universidade de Brasília

Esta comunicação pretende abordar os problemas sociológicos a respeito da trajetória pessoal de Ayrton Senna no esporte como um espaço social de consagração tanto interna a esse espaço quanto externa a ele, tendo a probabilidade de se tornar mito no âmbito nacional. A análise de concentra no percurso realizado e na narrativa que se desenvolve concomitantemente aos acontecimentos, portanto, não se trata de uma análise concentrada na produção da memória, e sim de uma reconstrução. A narrativa mitológica que inicialmente aparece como externa à corporeidade de Senna, vem pouco a pouco estruturar suas disposições, que ao encontrarem os espaços apropriados de suas realizações, vem a se realizar presencialmente. Essa narrativa mitológica, que vem a se desenvolver presencialmente, mobiliza os signos clichês da alta competitividade associados à alta periculosidade produtoras de grande excitação, sem se deixarem de se somar aos signos nacionais no confronto os demais adversários. Essa narrativa e Ayrton Senna vêm a confundir-se, com Senna tornando-se o exemplo mais característico dela. No confronto com seus adversários, os signos mobilizados por Senna vêm a defrontar-se com outros, nos quais homologamente os demais participantes ativos e passivos do esporte podem se associar. Nessas homologias os aspectos nacionais tendem a preponderar no estabelecimento de afinidades.

O mito para Ernst Cassirer (1972) aparece como uma das primeiras formas simbólicas que vem a se somar com a religião, a linguagem, a arte, a história e a ciência. Nesse sentido, mito e linguagem guardam suas semelhanças enquanto uma dessas formas, mas diferentemente do que vem a acontecer em classificações posteriores, a linguagem não aglutina em si as diversas formas simbólicas; quer dizer, na teoria de Cassirer, a linguagem se coloca lado a lado com outras formas simbólicas. Tanto o mito quanto a linguagem brotam de uma mesma origem, o pensar mítico e o pensar linguístico andam lado a lado. Nesta pesquisa o mito não se coloca ao lado da linguagem. Contrapondo as idéias de Cassirer, aqui o mito vem a se expressar de diversas formas simbólicas materiais, ele existe a partir de uma realização prática e pode ser transmitido em uma conversão através de codificações que continuamente reproduzem o mito em forma de memória. As formas

simbólicas para Cassirer funcionam como estruturas estruturantes, delas derivam os signos como componentes cognoscitivos importantes na composição dos modos de pensar. Sua atenção com o problema do mito não é tão diretamente interessada na explicação dessas estruturas míticas, como é o trabalho de Lévi-Strauss (2013). Cassirer se interessa pelo mito enquanto forma simbólica e tece comparações com outra forma simbólica, a linguagem. A função que exerce uma forma simbólica estruturante de uma forma de pensamento atrai todo o interesse de Cassirer para este objeto. Mas se os mitos são estruturas estruturantes, mesmo que sejam históricas em um sentido teleológico, ou seja, fazem parte de uma das etapas da evolução humana, o exercício mítico, o mito colocado em prática, não é capaz de alterar sua própria estrutura. Aí se vê mais um motivo para tomar a teoria de Cassirer com ressalvas, o mito Ayrton Senna na sua realização prática tem que transgredir com os seus outros mitos similares fazendo-se original. O mito Senna não pode ser confundido, por um lado, com o mito Jimmy Clark ou o mito Gilles Villeneuve, por outro, nem mesmo com Pelé ou outras expressões míticas características da brasilidade. Ele tem que se distinguir e fazer sua própria originalidade, embora possa se ver muitas semelhanças, ele não se confunde, se distingue, possui suas peculiaridades, ou melhor, não é que nele é visto o mito atuando mais uma vez, mas nele se origina um novo mito.

O que é o limite da teoria de Ernst Cassirer não é sua orientação em fazer do mito uma falsa impressão do mundo, ou algo não correspondente à realidade dos fatos. Não é disso que se trata a concepção mitológica do mito por parte de Cassirer, pelo contrário, ele vê o mito como de fundamental importância, mas jogado totalmente para o polo do simbólico, sendo a análise dos mitos em sua visão, uma análise hermenêutica. Hans Ulrich Gymbrecht (2010) destacou, em sua obra *Produção de Presença* o predomínio dessa metodologia nas humanidades durante o século XX. Seu principal interesse é de fazer coadunar o pólo hermenêutico com o pólo tangível da presença, em que a linguagem não aparece como uma metafísica, independente da “coisidade” desse mundo. Quando Cassirer se interessa predominantemente pelo mito em sua dimensão simbólica, faz do mito uma estrutura narrativa, sem ser uma estrutura que possa simultaneamente ter as qualidades de estruturada e estruturante, sem que o uso possa em situações contextualizadas possa ter

efeito sobre a estrutura. O mito vem a cumprir um papel sem dúvidas importante nas vivências, mas nem por isso existe uma unilateralidade, as vivências presenciais não apenas cumprem uma reestruturação sobre o mito, mas no caso específico desta pesquisa é essa vivência que é tomada enquanto objeto de pesquisa. Não é o mito que perpassa a história, mas a história em que se desenvolve o mito presencialmente o objeto da pesquisa.

Como já dito acima, não é intenção deste projeto resgatar a noção de mito enquanto algo cosmológico ou metafísico, nem mesmo como algo que deva respeitar uma determinada doutrina religiosa. Não é esse o tipo de mito adotado aqui. É possível fazer uma comparação, por exemplo, entre Gilles Villeneuve e Ayrton Senna, de início, apenas para indicar as continuidades existentes nas formações míticas no automobilismo. Villeneuve conquistou em sua carreira na Fórmula 1 apenas seis vitórias sem se tornar campeão mundial. Mas chamou a atenção pelas suas atuações nas condições mais úmidas de pista. Foi em uma dessas que conquistou uma vitória no Grande Prêmio dos Estados Unidos da América realizado em Watkins Glen, o que pode ser comparado à vitória de Ayrton Senna no Grande Prêmio de Portugal em 1985. Um segundo lugar conquistado no Grande Prêmio da França em 1979 por Villeneuve chamou muito mais a atenção do que a vitória conquistada por outro piloto francês, Jean Pierre Jabouille. Naquele dia nas últimas voltas, Villeneuve duelou com René Arnoux pela segunda posição. Senna veio a conquistar a segunda colocação no Grande Prêmio de Mônaco em 1984 e o fato chamou mais a atenção que a vitória conquistada por Alain Prost. Mais semelhanças poderiam ser destacadas, mas finalizo aqui com a morte em atuação de corrida graças a um acidente fatal, fato que veio a acontecer com os dois pilotos.

As convergências entre essas duas formações míticas apontam para a continuidade entre os signos mobilizados e que colocam essas duas figuras históricas enquanto figuras míticas. Mas as divergências apontam para estruturas míticas diferentes que vêm a ocorrer com suas especificidades intrínsecas às constelações históricas dos acontecimentos e dos agentes que vem a realizar esses mitos presencialmente. Esse é o limite teoria estruturalista. Ela não dá conta da historicidade, em suas análises os contos parecem existir uma estrutura própria que prescinde de qualquer intenção de

corpos estruturados nas trajetórias percorridas em espaços sociais diversos. Deixar de prestar atenção aos conteúdos para ir em busca das formas descontextualizadas também pode fazer com que as formas apareçam completamente desligadas dos conteúdos, o que segundo o próprio Lévi-Strauss não é verdade. Certamente há uma continuidade que perpassa a história da figura individual de Ayrton Senna. É ela uma das condições na formação de um espaço de possíveis que tornam maiores as probabilidades de emergência dos heróis e dos mitos. Mas a análise aqui não deve parar por aí sem se atentar para as especificidades históricas, das estruturações dos corpos que vieram a realizar esses mitos com todas as suas particularidades. Nesse sentido o mito Ayrton Senna vem a se diferenciar de Gilles Villeneuve, de Jimmy Clark e de tantos outros, a despeito de suas similaridades, porque um não é igual ao outro, um é rapidamente assimilado como diferente do outro, distinto, com características próprias.

As qualidades disposicionais de Ayrton Senna explicam o mito mais que as narrativas supostamente exteriores ao seu corpo e aos corpos daqueles que estiveram juntos com ele. As narrativas existem em formas corporificadas. Assim, portanto, a pesquisa tem que se voltar a ele, não perde-lo de vista. Análises sócio biográficas podem se perder em explicações excessivamente objetivistas em que os indivíduos desaparecem e as estruturas parecem agir sem suas corporeidades.

Os pares de oposição que formam os esquemas dos mitos analisados por Lévi-Strauss e as relações homólogas que existem entre eles serviram de base para a construção teórica de Pierre Bourdieu. Em *A Distinção* (2006), os esquemas transferíveis e as homologias estruturais são princípios fundamentais para a demarcação dos espaços sociais e dos estilos de vida. O signo marca uma diferença, ele diz o que ele é afirmando simultaneamente uma similaridade com o mesmo e uma diferença com o resto. Para existir, o signo precisa diferir-se. Os esquemas transferíveis são aqueles capazes de mobilizar na prática o passado negando-o como tal, transgredindo ele e se afirmando em sua originalidade como novo. A diferença decisiva da teoria de Pierre Bourdieu com a teoria de Lévi-Strauss é que na teoria de Bourdieu (2009) as estruturas são simultaneamente estruturadas e estruturantes. Certamente as práticas que vêm a se constituírem como mitológicas recorrem

a esquemas de ação gerados na história, mas também geradores da história. O mito se realiza historicamente. Quem vê o mito ou quem se percebe como o mito crê naquilo que expressa. São esses investimentos crentes que podem conquistar os mais diversos lucros fornecidos que motivam as práticas esportivas.

Na Fórmula 1, equipes e pilotos não duvidam da legitimidade dos títulos a serem conquistados, do valor das vitórias e dos objetivos propostos para conquista-las. Dar várias e várias voltas em um mesmo circuito e ver nessa prática a realização de uma prática automobilística não é outra coisa que aquilo que aparenta ser a essas pessoas. Os investimentos são feitos de várias maneiras, duros treinos, construção de carros, atenção aos detalhes das condições específicas de pista e as alterações ao longo da corrida. Estratégias são montadas, ajustes improvisados são realizados. Ao fim de tudo, uma vitória não aparenta ser outra coisa que não ela mesma, ela é justa e sacramentada pelas instituições detentoras da legitimação automobilística, no caso, a Federação Internacional de Automobilismo (FIA).

Mas algo se acrescenta a todas as conquistas, elas são mais do que conquistas automobilísticas. Os vencedores das práticas esportivas vêm a se tornarem algo a mais do que competentes executores de suas funções especializadas. Então ser um vencedor no esporte, não é ser vencedor apenas no esporte. Os capitais adquiridos na prática esportiva possuem valor no espaço social mais amplo que engloba o esporte e outras esferas da vida. O prestígio conquistado por atletas em suas práticas esportivas os colocam em posições de destaque no espaço social mais amplo. Surge a possibilidade de um atleta se fazer importante não apenas para os seus pares, mas também para toda uma nação. A crença que está na *illusio* de atletas, equipes e espectadores, é que o espaço esportivo fornece alguma coisa de extraordinário, que foge do comum, e que só se pode fazer através de uma elevada competência. O esporte é o lugar da glória, como um espaço quase divino em que as realizações originadas ali se colocam à parte do mundo. A exaltação provocada pelo esporte e os elevados estados de euforia que dele surge devem-se a essa dimensão separada. Os feitos esportivos podem colocar os seus atletas e equipes em uma dimensão sagrada que faz deles justamente heróis e mitos.

Os mitos do esporte moderno dizem respeito a realizações históricas que são através de todos os aspectos físicos corpóreos que a ciência moderna pode aceitar, mas que só se atribuem a uma excepcionalidade de seres humanos, um grupo bastante seletivo e restrito. Ou seja, os mitos estão atrelados a excelência, a condição mais elevada de competência para realizar práticas que poucos podem realizar. Os mitos surgem então quando alguns poucos humanos se separam de outros sem se separar de suas condições de humanidade. Ademais, é porque se vê o caráter de excepcionalidade e o grau de competência elevado que os espectadores podem ver o mito se realizar à sua frente, assim como os seus realizadores são aqueles que incorporaram para si em processos de aprendizado (aquilo que no caso do esporte pode ser chamado de treino, uma exaustiva repetição de técnicas e movimentos) uma competência para realizar, mimeticamente, essas práticas carregadas de um simbolismo, constituído historicamente, heróico e mítico. Ayrton Senna é uma dessas figuras heróico-míticas que conseguiu incorporar para si os elementos históricos para em suas práticas realizar e exteriorizar toda essa multiplicidade de signos da alta competitividade e da nacionalidade brasileira. O seu mito se realiza através dele próprio, em um primeiro instante, porque se não surgisse essa possibilidade histórica de um desenvolvimento de um corpo tão apto e tão afinado a sua prática esportiva, esses feitos de que tanto se falam, não se falaria se Senna não os tivesse realizado.

Antes de Prost, de Mansell e de Piquet, Senna teve um grande rival no passado: Terry Fullerton, ex-piloto de kart e companheiro de equipe de Ayrton Senna, nos tempos de competição de kart quando ainda entre a adolescência e a maturidade Senna trilhava os primeiros caminhos em direção à Fórmula 1 (em 1978, 79 e 80), antes de disputar as categorias de entrada como a Fórmula Ford e Fórmula 3 inglesa. De Fullerton Senna guardou boas lembranças, de um tempo em que na sua descrição o automobilismo para ele aparecia em um estado de "pureza" sem as interferências políticas e econômicas que foram tão presentes em sua carreira na Fórmula 1 como nas temporadas de 1989 e 1990. A sua descrição não é ímpar e sem igual, na realidade ela é bastante reforçada também por outros, ela é vista até mesmo dentro da Fórmula 1, separada assim em duas épocas, uma época romântica e

outra moderna, sendo esta última a era a qual Ayrton Senna participou da Fórmula 1. A época romântica da Fórmula 1 se refere àquela em que as grandes montadoras automotivas nos anos 1950 e 1960 não tiveram êxito competitivo diante daqueles outros grupos menores que projetavam os carros por conta própria e que com algum auxílio externo não muito grande se sagraram campeões na Fórmula 1. Colin Chapman, Jack Brabham, desafiaram as grandes montadoras como Alfa Romeo, Maserati, Mercedes-Benz, eles eram conhecidos como garagistas, que acreditavam no poder da inovação e da criatividade como ferramentas capazes de duelar com os grandes montantes financeiros. Essa era durou até o final dos anos 1970, quando em uma última empreitada Colin Chapman apostou numa idéia revolucionária à época e desenvolveu o carro asa com o chamado efeito solo (o ar que percorria por debaixo do carro seria canalizado a fim de se fazer uma pressão para baixo no carro aumentando a sua aderência ao solo).

Quando Ayrton Senna chega à Fórmula 1, ela aparece de outra forma. Apenas os motores turbo alimentados são competitivos e eles dependem de altíssimos investimentos financeiros, a partir dali, nenhum garagista conseguiu repetir os feitos de Chapman até à morte de Senna em 1994. É assim que ele chega a Fórmula 1 e não é capaz de contrastar as duas eras, sendo partícipe apenas de uma delas, mas tendo a capacidade de comparar com outras categorias ainda não atingidas pelo processo modernizador no automobilismo, como as competições de kart. Sintomático do olhar de Senna sobre essas duas posições antagônicas está o fato de que Senna foi atingido com maior intensidade pelas durezas do processo modernizador da Fórmula 1. É ele que vem a ser tomado pelos agenciamentos dos diretores e presidentes da Fórmula 1 à época para a construção de imagens antagônicas e relacionais em um espaço social de rivalidades entre essas imagens às quais poderiam encontrar posições homólogas no público espectador.

Não é nenhuma novidade que isso já vinha sendo feito antes mesmo desse processo modernizador, mas não aparece com tanta intensidade a partir da inserção de Ayrton Senna na Fórmula 1. Também não se pode mentir e acreditar que mesmo que Ayrton Senna tenha feito comentários românticos idealizando uma competição "pura" encontrada no kartismo, os relatos também confirmam que Ayrton Senna já apresentava características, antes mesmo de

sua inserção na Fórmula 1 moderna, em que Senna apresentava atributos e disposições afinadas com aquelas que viriam a ser depois reforçadas e alimentadas no cenário competitivo da Fórmula 1 em 1989 e 1990. Senna possuía dificuldades de manter amizades com aqueles que ele considerava seus rivais, foi assim com Fullerton e não diferente com Alain Prost seu principal rival na Fórmula 1. Se Senna embarca nesse jogo construído por outros, os diretores e presidentes da Fórmula 1, ele adere ao jogo com consentimento. Aparece como figura contraditória, por um lado romântico como em declarações discursivas como a que fez sobre o kart e Terry Fullerton. Por outro lado, competitivo e moderno, como se vê nas declarações à entrevista que deu à Jackie Stewart (famosa entrevista após o Grande Prêmio do Japão de 1990 no circuito de Suzuka, penúltima prova do campeonato em que Ayrton Senna conquistou o seu segundo campeonato mundial de Fórmula 1), tornando-se figura exemplar da imagem de um obcecado pela vitória a todo custo. Passados anos depois Michael Schumacher, Fernando Alonso, também foram comparados com Ayrton Senna como extremamente competitivos. A narrativa da impossibilidade das amizades tomou corpo na Fórmula 1, ela não apenas aparecia externamente como também internamente, os próprios pilotos de Fórmula 1 considerariam a si como rivais incapazes de se tornarem amigos uns dos outros.

A disposição para a competitividade, para tomar atitudes por vezes desleais e não morais, justificadas apenas no âmbito da competição, tornou-se característica tão importante quanto o talento na condução dos carros e conhecimentos técnicos para o acerto. Sem dúvidas, elas não fazem parte apenas da Fórmula 1, poderia se citar os casos, mais recentes, das rivalidades entre Roger Federer e Rafael Nadal e depois entre o tenista espanhol e Novak Djokovic, ou entre Cristiano Ronaldo e Lionel Messi no futebol, em que uma exploração midiática do lado obsessivo desses atletas na busca da vitória é recorrentemente realizada. E isso sem não afetar eles próprios tomando atitudes, que como já colocadas, não seriam justificadas se essas regras e essa normatividade da competitividade não predominassem nesses esportes de alto rendimento. As atitudes de Ayrton Senna, como as de atirar o seu carro em direção ao carro de seu rival Alain Prost em 1990 no Japão, e várias outras que por pouco não chegaram a causar grandes acidentes, são então

justificadas. Mas mais do que isso, são elas mesmas que colocam Ayrton Senna em um outro patamar, não mais no mesmo patamar daqueles que não tomam essas atitudes, daqueles que são adeptos do jogo justo, do jogo por amor, do jogo em seu estado de pureza, que por suas idealizações muitas vezes não vencem e que não conseguem qualquer lucro social, que poderiam esperar conquistar dos amantes da competição "pura" porque não são dados lucros alguns para essas práticas no cenário moderno do esporte. Algumas poucas notas de jornais podem conseguir aqueles que amam o esporte "puro" e acreditam convictamente no lema "o importante é competir" fazendo desse lema um guia para as suas práticas. Não é à toa que nos momentos olímpicos, reforçadamente os atletas são atacados pela mídia e pelo público, quando não são capazes de conquistarem medalhas. Sobre eles pesa uma forte pressão, que normalmente vem daqueles que pouco os acompanham e que por essa distância mesmo não são capazes de enxergar os desafios e as lutas impostas a esses atletas para a competição das Olimpíadas. Por outro lado, os lucros são dados até mesmo àqueles que se dispõem a afetar seus próprios corpos com drogas dopantes de efeitos colaterais muitas vezes desconhecidos.

No caso de Ayrton Senna, especificamente, quais são seus lucros? Para responder à essa pergunta é preciso primeiro voltar um pouco no tempo antes de 1990, voltar à 1989, quando tanto Senna rivaliza com Alain Prost, seu companheiro de equipe e principal competidor na pista, quanto com Jean-Marie Balestre, quem aparece como ajudante de Prost, ao seu próprio lado. Ou seja, Senna tanto compete com mais um dos atletas da competição com quem participa, quanto compete contra a própria competição, contra quem organiza as próprias regras e encontra dessa maneira a sua justificação em colocar sob questionamento os organizadores do próprio jogo. Sendo assim, se Senna não está conforme às regras, não é ele que está errado, são as regras que estão. Nessa justificativa é que Ayrton Senna pode chamar para si seu público, seus fãs, para que se sintam ao seu lado. Desse modo a punição que Ayrton Senna sofre por violar a regra de retomar à pista sem tomar atalho, a qual ele viola ao tentar voltar a pista depois do acidente entre ele Prost, é vista pelos fãs de Senna como excessiva, como além dos limites do bom senso e do razoável e insensatas diante das circunstâncias as quais acontecem o acidente e dos limites de segurança fornecidos pela pista não propícia ao retorno do piloto à

pista conforme os regulamentos. Não importa tanto se em termos absolutos essas regras podem ser vistas como certas ou erradas, mas em como, em função das afinidades estabelecidas, podem encontrar fundamentos e se justificarem em função de preferências baseadas no gosto, na emoção e na nacionalidade, em que se pode ver a disputa de Senna e Prost como uma disputa entre um brasileiro e um francês, entre um piloto e a federação que organiza a competição, entre o bonzinho e o vilão, em que se essas posições podiam ser vistas como não próximas e distantes, vem a se aproximarem e distanciarem, se deslocarem, em função das duas principais peças desse tabuleiro que são Ayrton Senna e Prost, que tomam a dianteira e regulam todo o deslocamento dessas posições no espaço social em função deles, mas não ignorando que os fatores mais passionais, como a nacionalidade, é que podem preponderar pela escolha de um ou outro piloto.

Os brasileiros tendem a preferir Ayrton Senna, e vêem nessa disputa Ayrton Senna como o bonzinho e injustiçado que luta contra um grande vilão, que aparece como uma grande organização poderosa incapaz de reconhecer suas vitórias e pronta a qualquer custo de impedir os êxitos do brasileiro pela força, enquanto franceses, por outro lado, sob outro ponto de vista, enxergam Senna como um competidor não leal, que em atitudes desesperadas apela para táticas não legais em busca de suas vitórias, muitas vezes colocando em risco a sua vida e a de outros ultrapassando os limites do sensato e do razoável. Aí se pode ver o cenário, ou melhor, o espetáculo idealizado, que pode atrair como público espectador diferentes facetas que encontrarão suas correspondências homólogas.

É essa espetacularização que vem a se formar como um espaço social de consagração daquelas disposições sociais afinadas à ela, afinadas à sua lógica, pronta a oferecer todos os lucros possíveis nas práticas condizentes a ela que ela mesma motiva pelos lucros possíveis, pela construção de todas as etapas para se chegar lá, como as categorias menores de automobilismo como a Fórmula 3, a Fórmula Ford e até mesmo o kart, como início de tudo, em que Ayrton Senna lá esteve. Porque essas competições giram em torno da Fórmula 1, seus processos pedagógicos são afinados para a prática da Fórmula 1 porque regidos por ela, existindo em função dela. Os princípios da competição maior, a Fórmula 1, se disseminam e estruturam os outros espaços que

existem em volta dela. Se Senna acreditava naquele estado de "pureza" do kartismo, sua crença era enganosa, já nela ele se via cercado das estruturas pedagógicas que fomentaram nele as disposições competitivas para viver tudo aquilo que ele não queria viver, para ser partícipe dos processos sociais aos quais ele queria se ver distante. Mas tendo então, na sua chegada à Fórmula 1, da possibilidade de conquistar os mais diversos lucros, entre eles, a possibilidade de, saindo como vencedor nas disputas tanto automobilísticas e internas do esporte, quanto externas nas disputas sociais angariando mais e mais fãs nas afinidades geradas nesse espaço social, se tornar um ídolo, um herói e até mesmo um mito. Porque, de certa forma, esse espaço, o espaço do esporte de alto rendimento, é o espaço na modernidade do qual podem emergir as figuras heróicas e míticas, pois entre várias razões, as já colocadas e outras, como o próprio Gumbrecht colocou em *Elogio à Beleza Atlética*, o esporte é o lugar na modernidade para a exposição da excelência humana, da maestria (e da precisão) da execução de atividades reguladas por uma regra, não exigidas nas outras esferas da vida. É essa excelência que vem a ser inculcada nos processos pedagógicos iniciais do esporte, nesse caso, do automobilismo, no kartismo, mas eles vêm junto de outros, modelares das disposições às quais encontram correspondências com o público nas suas diferentes visões sobre o esporte e sobre a vida como um todo, das quais surgem as rivalidades.

Com a conquista do segundo lugar no Grande Prêmio de Mônaco de 1984 realizado no dia 3 de junho, o nome de Ayrton Senna vem a aparecer pela primeira na capa da Folha de São Paulo: "Senna em segundo, como campeão". (FOLHA DE SÃO PAULO, 1984). O maior destaque da carreira de Ayrton Senna conferido até então pelos jornalistas se dá em razão tanto de seu primeiro segundo lugar conquistado, sendo sua primeira participação no pódio e o lugar da conquista, Mônaco. O Grande Prêmio de Mônaco realizado nas ruas do principado de Monte Carlo desde 1929, fazendo parte do calendário da Fórmula 1 em quase todas as suas temporadas desde 1950, é um dos mais conhecidos e notórios Grande Prêmios. Realizado em um circuito de rua, na cidade de Monte Carlo, o Grande Prêmio de Mônaco é comumente lembrado por duas características: glamour e desafio. Glamoroso porque ocorre nas ruas

de um rico principado, em que a nobreza não deixa de estar presente, como na participação dos príncipes na entrega das taças aos pilotos no pódio, aos convidados para assistirem a corrida, e aos demais privilegiados capazes de alugar um local para assistir a corrida em dos caríssimos e chiques hotéis ou então na orla de Monte Carlo dentro de um iate, restando um ordinário comum não tão menos privilegiado assento de uma das arquibancadas montadas. Desafiante porque a pista é muito estreita, separada das demais ruas e avenidas pelos guard-rails, não dando muita margem de erro aos pilotos, que procuram andar na única trilha rápida do circuito, a única emborrachada e com aderência, tomando o cuidado para não sair dela e entrar em contato com a pista suja empoeirada, sem o mesmo montante de borracha comparado aos circuitos permanentes em autódromos. Essas duas características correspondem homologamente às próprias características da competição automobilística da Fórmula 1. Grandes montadoras, grandes investimentos financeiros, signos tradicionais de glamour e riqueza somados ao desafio proporcionado pela competição entre os automóveis. As propriedades do Grande Prêmio de Mônaco com as propriedades da Fórmula 1 guardam tantas semelhanças que uma não consegue se ver distante da outra. Quem dirige a Fórmula 1 temporariamente pode detestar o principado de Mônaco e considerá-lo inadequado para uma realização de um Grande Prêmio, mas não poderá contar com a probabilidade de se desfazer dessa ligação entre Mônaco e a Fórmula 1, correndo o risco de desagradar ao romper com uma tradição completamente sagrada. Como se vê, o Grande Prêmio de Mônaco ocupa lugar destacado dentro da competição da Fórmula 1. O Grande Prêmio após a atrapalhada execução de Jackie Icx e dos demais diretores de prova ignorando uma das regras da competição e dando antecipadamente a vitória à Alain Prost em 1984, correu risco de ser retirado do calendário até que Enzo Ferrari decidiu publicamente alegar sua posição quanto a Mônaco, manifestando o desejo de permanência do Grande Prêmio ameaçando a retirada de sua própria equipe. E também a equipe Ferrari, única naquela época e até hoje a participar de todas as temporadas da Fórmula 1, possui propriedades homólogas as de Mônaco, tanto o glamour quanto a excitação, colocados lado a lado, que conferem a Ferrari uma identidade especial. Não podendo também qualquer dirigente individual organizador da Fórmula 1

arriscar-se a perder a participação da tradicional equipe italiana na competição. Com a ameaça de Enzo Ferrari, importante porém não decisiva, voltaram atrás os dirigentes da Fisa (a entidade organizadora da Fórmula 1 à época) e mantiveram no calendário o Grande Prêmio de Mônaco.

Por todas essas razões não é difícil ver como a conquista de uma vitória no principado de Mônaco contava com toda a probabilidade de imediata consagração, fornecendo aos vitoriosos lucros e prestígios únicos e exclusivos, aos quais nenhum piloto brasileiro até então havia passado perto de ter conquistado. A proximidade da vitória de Ayrton Senna com seu segundo lugar conquistado na prova interrompida prematuramente pela forte chuva, não podia, pelos vários fatores somados, deixar de chamar a atenção. Como o contato com o perigo e a coragem necessária aliada à destreza para lidar nessas situações são consagrados pelas instituições da Fórmula 1, uma pilotagem nas condições adversas de pista oferecidas naquele dia em potentes automóveis como os de Fórmula 1, não poderia deixar de chamar a atenção de todos os que ali participavam, ativamente e passivamente, daquele espetáculo. Em um carro dito inferior, sem contar com qualquer probabilidade de vitória em condições normais e tendo que contar com o improvável para contar com alguma chance, Ayrton Senna aproveitou-se da situação improvável, que passou a ser desfavorável a outros, mas não a ele, que poderia naquele dia contar com toda a probabilidade de ver reconhecida a sua destreza para a condução automobilística em pista molhada. Reconhecimento que se faz pelo encontro da prática proveniente de estruturas corporais completamente afinadas às estruturas institucionais, ambas feitas na história. As disposições de Ayrton Senna se fizeram em uma trajetória de um espaço social que só existe em função dessas instituições. O kart existe em função da Fórmula 1, e existe tendo como função desenvolver aquilo que será consagrado na Fórmula 1. Já esta instituição por sua vez, em seu desenvolvimento ao longo do tempo, tendeu a selecionar umas entre várias, competências as quais realizadas pudessem se consagrar. O feito heróico naquele dia 3 de junho de 1984 só é por todos esses motivos destacados aqui.

Assim não é difícil compreender a relevância histórica do fato, e ao dever a que se sentem os jornalistas brasileiros de não apenas noticiá-lo, mas destacá-lo, exaltando-o.

“O arrojo de Ayrton Senna, é evidente, proporciona fundamento ao empenho promocional montado em torno dele.” Precisas as palavras de Jânio de Freitas (1986) em um diagnóstico daquilo que veio a ser Senna em sua carreira, uma correspondência plena, completamente adaptada, das estruturas internalizadas nas formas incorporadas, o *habitus* de Senna e as estruturas exteriores, institucionalizadas, nesse caso, pertencentes ao universo jornalístico (em que se cabe todas as dúvidas sociológicas se esse universo vem a se constituir como um campo relativamente autônomo). O pequeno artigo, ou crônica esportiva, de Jânio de Freitas escrito em março de 1986 logo após a vitória de Nelson Piquet em Jacarepaguá, fazendo dobradinha com Ayrton Senna, segundo lugar na ocasião, explicita vários dos problemas de pesquisa e o objeto da mesma, desenvolvidos até aqui. “A palavra de ordem nos de meios de comunicação, eu sei, tem sido a de louvar Ayrton Senna.” O primeiro período aparece como o diagnóstico de Jânio de Freitas acerca das relações muito próximas dos meios de comunicação e Ayrton Senna, em que as intenções são claras de expor o piloto brasileiro e não apenas de expô-lo, mas de louvá-lo.

“Por isso foi bom que Ayrton Senna e Nelson Piquet andassem juntos por uma boa quantidade de voltas. Assim como foi bom que o mesmo ocorresse com Senna e Prost. Assim ficaram mais nítidas as diferenças, não entre duas escolas, como costumam dizer, porque não se trata de haver optado por um ou outro modo de pilotar. Mas, sim, a diferença entre qualificações mais profundas esses valores misteriosos que distinguem os talentos distribuídos entre todos os humanos, os gêneros de caráter, os meios aceitos e os fins pretendidos. Ayrton Senna é um piloto que dirige bem com os braços e as pernas. A uns e outros parece estar usando além dos recursos que estes membros limitados oferecem. Membros e músculos que ele tonifica e movimenta com arrojo de uma vontade que também não conhece limites, sejam de que natureza forem.

“Piquet dirige com a cabeça e com a alma. Com a cabeça bem organizada para ultrapassar e ser ultrapassado, para vencer e para perder, graças à dosagem equilibrada entre o talento em atividade e a vigilância da humildade. Piquet é possuidor de uma sabedoria dos valores extremamente rara nos brasileiros em geral.” (FREITAS, 1986).

Não diferenças entre escolas, e sim “entre qualificações mais profundas”. Que “distinguem”, o que entra em contato com o problema de pesquisa levantado ao longo desta tese. Braços e pernas retomam ao corpo,

enquanto a cabeça e a alma retomam à mente. Se Senna é um piloto de arrojo, já Piquet, na opinião de Jânio de Freitas, é o sábio, mas sabedor “de uma sabedoria dos valores extremamente rara nos brasileiros em geral”. Não são as conclusões de Jânio de Freitas e a partir daqui realizo as minhas, Piquet é distinto, mas ser distinto aqui significa estar separado, se possui uma qualidade rara nos brasileiros em geral, ele não se aproxima deles, pelo contrário, se distancia. Já Senna, o arrojado, que pilota “com os braços e as pernas” pode se aproximar da generalidade dos brasileiros. O texto de Jânio de Freitas vem a se encerrar com uma citação de Enzo Ferrari: “Ah, os pilotos de hoje têm muita pressa de se tornar notórios. E ainda mais de ganhar dinheiro”, não sem antes estabelecer as relações entre os pilotos, Senna está próximo de Froilán Gonzalez, Ronnie Peterson, Gilles Villeneuve, Regazzonni entre os pilotos do passado e de Nigel Mansell, Keke Rosberg e Michele Alboreto entre os atuais. Já “Piquet é da estirpe dos Fangio, Moss, Stewart, Lauda. Hoje, tem um só companheiro, Prost. É a estirpe dos artistas.” Aqui a oposição é entre os apressados, e, portanto, tomados por suas compulsões internas e corporais, e os artistas, aquelas que mentalizam e se distanciam dos anseios e afetividades.

O texto de Jânio de Freitas nitidamente prefere não se inserir dentro de uma discussão técnica própria ao universo automobilístico se valendo aos jargões próprios à esse universo e os critérios que são exclusivos à ele próprio, não encontrados, portanto, nos outros campos e espaços sociais. Por isso, não se trata de diferenciar os pilotos nas escolas, mas naquilo que ele considera ser as “qualificações mais profundas”, em conjunto com os “valores misteriosos” e os “gêneros de caráter”. Já, todas essas qualidades podem ser encontradas nos mais diversos espaços sociais, e elas são importantes a serem destacadas e consideradas para esta pesquisa porque são justamente essas que vem a encontrar correspondentes homólogos inclusive entre o público não tão afeito e familiarizado com as peculiaridades do automobilismo, mas que terá toda chance de se afinar e talvez de até se ver, nas figuras que apresentam essas qualidades comuns aos mais diversos espaços sociais. É nítido também da escrita de Jânio de Freitas, a sua posição e a afinidade que ele estabelece com Nelson Piquet, por considerá-lo um artista, que diferente de Senna, não comete erros, como o ocorrido durante a corrida na colisão entre o

piloto da Lotus e Mansell, em que Jânio de Freitas acusa a mídia brasileira de ufanista, ao defender Senna em seu erro, ao invés de apontá-lo. Piquet, diferentemente de Senna, tem a cabeça bem organizada, tanto para ultrapassar quanto para ser ultrapassado: “o que a vontade de Ayrton lhe permitiu fazer duas vezes em menos de dois quilômetros de corrida, Piquet, ao que se saiba, jamais fez.”

Tendo Piquet já se consagrado à época duas vezes campeão mundial, com já sete temporadas inteiras completadas, e Senna iniciando sua terceira temporada na Fórmula 1 sem nenhum título, ainda era muito cedo para estabelecer uma comparação entre aquele que já havia trilhado boa parte da carreira e outro que estava ainda iniciando e ainda teria muito o que trilhar. Em todo o caso, esse texto de Jânio de Freitas escrito em 24 de março de 1986 dá uma idéia do estado das relações entre os dois pilotos naquele período. Logo após o Grande Prêmio do Brasil, é a vez do Grande Prêmio da Espanha, dessa vez, com vitória de Ayrton Senna, Luiz Fernando Rodriguez é o encarregado dessa vez de fazer o texto sobre Senna, com o título “Piloto mostra seu talento” (RODRIGUEZ, 1986), de 14 de abril de 1986. Talento e ousadia, são qualidades destacadas no texto de Luiz Fernando Rodriguez, mas ele não deixa de apresentar qualidades mentais, como o cálculo de Senna na contagem do combustível restante.

“Enfim, quando foi preciso calcular o que sobrava dos 195 litros de gasolina para concluir as 72 voltas no circuito e enfrentar um adversário que trocara os pneus, há cinco voltas e ganhava quatro segundos a cada quatro mil metros de distância, Senna foi tão perfeito quanto se pode imaginar quem faz uma corrida de 1h48m47s7 e cruza a linha de chegada a 1,4 centésimo do segundo colocado.” (RODRIGUEZ, 1986).

Não deixa também de estabelecer uma comparação, também com Gilles Villeneuve, tal como havia feito Jânio de Freitas.

“Pode-se dizer que, se houvesse uma volta mais, o inglês Nigel Mansell venceria. Mas eram 72 voltas exatas, e Ayrton Senna mostrou que sabia disso, concluindo a segunda etapa do mundial de F-1 com a competência de quem pode conquistar títulos, apesar da impetuosidade que dá emoção ao automobilismo, mas lembra demais a carreira de Gilles Villeneuve, o louco canadense de grandes performances e fim trágico.” (RODRIGUEZ, 1986).

As duas visões, de Jânio de Freitas e Luiz Fernando Rodriguez são antagônicas, mas guardam suas semelhanças. Ambos comparam Ayrton Senna à Gilles Villeneuve, nesse ponto concordam que ambos correspondem a uma mesma posição nesse espaço social. Também levantam qualidades que pertencem a uma mesma posição, se Senna é arrojado na visão de Jânio de Freitas, é ousado na visão de Luiz Fernando Rodriguez, são qualidades que pertencem a uma mesma posição. O que diferencia os dois jornalistas e os colocam como de lados opostos, pertencendo a posições diferentes no espaço social, são as relações que eles estabelecem com essas qualidades. Jânio de Freitas reconhece o arrojo de Senna, mas não vê essa como uma qualidade capaz de colocar Senna na “estirpe dos artistas”, considerando ao contrário, as qualidades mentais de Nelson Piquet como as mais elevadas. Luiz Fernando Rodriguez por outro lado, dando valor aos escritos de Jânio de Freitas, parece interessado em convencer o jornalista ao elevar qualidades mentais de Senna, o seu cálculo, mas aquilo que ele realmente prefere destacar é o talento, colocando essa qualidade logo no título de seu texto. Não deixa, também, Jânio de Freitas, em estar interessado em destacar qualidades automobilísticas de Piquet, quando descreve como o piloto brasileiro realiza a curva mais desafiadora do circuito de Jacarepaguá. Mas o título de seu texto chama a atenção para a arte.

Ainda haveriam muitas disputas entre Piquet e Senna, dentro e fora das pistas, para tomar o duelo entre esses dois jornalistas como representativo do espaço social percorrido por Piquet e Senna ao longo de todas as suas carreiras. Mas certamente aqui aparece como uma fotografia, estática, que não se move, o texto impresso não se altera ao longo do tempo, e pode ser inclusive recuperado graças aos acervos fornecidos digitalmente e disponíveis à qualquer um pela internet nos dias de hoje. Esse espaço social vem a se desenvolver de acordo com várias tensões. Mas à época chama a atenção o ponto de vista de Jânio de Freitas como contrastante à tendência generalizante entre os meios de comunicação, de “louvar Senna”. Desse modo Jânio de Freitas vem a se apresentar como o que observa de fora e que pode oferecer uma opinião mais sincera, porque distante das pressões que se realizavam dentro do universo dos meios de comunicação, pressões que forçavam os jornalistas a seguir uma linha editorial não tão autônoma. O argumento de

Jânio de Freitas, portanto, se faz a partir disso, colocando-se também como distinto, tal como vê Nelson Piquet, se é assim o é, só pode ser reconhecido por poucos. À massa, resta captar as sensações mais imediatas e visíveis, essas que se movem com os braços e as pernas, enquanto apenas os mentais podem observar as qualidades de Piquet, não tão evidentes e explícitas. Ademais, Jânio de Freitas parece ter convicção em suas próprias técnicas, enquanto vê que os outros apenas seguem a tendência generalizada de promover Ayrton Senna. Não deixa de reconhecer, porém, que no caso de Senna, a sua promoção, não vem sozinha, sem suas realizações na pista. Mas não vê as realizações em pista como motivos para sua promoção, estas, viriam a acontecer com ou sem as realizações práticas. O que interessa bastante para os propósitos dessa pesquisa, é que a promoção de Ayrton Senna são sim importantíssimas e devem ser levadas em consideração, mas é na realização prática de Ayrton Senna que encontra as estruturas objetivas consagradoras de suas práticas, que Ayrton Senna vem a se constituir como mítico. O que deve ser destacado, portanto, é como existe essa relação quase que simbiótica entre o que se fala a respeito de Senna e o que ele mesmo é e faz, fazendo com que a narrativa que aparecia como anterior à sua própria existência, vem a se escrever concomitantemente na realização prática de Ayrton Senna, deixando assim, pouco a pouco, de ser apenas um prognóstico, que poderia ser feito a qualquer um, para ter ares de exclusividade. A narrativa mítica e Senna se confundem, tornando-se ele próprio o exemplo mais característico dela.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *O Senso Prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e Mito*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Senna em segundo, como campeão*. Folha de São Paulo, São Paulo. 3 junho 1984.

FREITAS, Jânio de. *Piquet, a arte de vencer*. Folha de São Paulo, São Paulo, 24 março 1986.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de Presença*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2010.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural Dois*. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.

RODRIGUEZ, Luiz Fernando. *Piloto mostra seu talento*. Folha de São Paulo, São Paulo, 14 abril 1986.